

Saberes disciplinares da História e formação de professores no Brasil: a Guerra do Paraguai em tela*

Disciplinary knowledge of History and teacher education in Brazil: focusing on the Paraguayan War

André Mendes Salles¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
andremendes.s@hotmail.com

Resumo: Apresentamos o interesse em refletir sobre os saberes disciplinares da História a partir da Guerra do Paraguai, com foco para a formação inicial e continuada de dois professores de História da Educação Básica no Brasil. A coleta de informações junto aos professores se fez por meio de entrevista semiestruturada e de aplicação de questionário. Os professores não se limitaram a narrar ou descrever seus respectivos processos formativos, mas realizaram um processo de reflexão, assinalando relevantes críticas. A fala dos sujeitos da pesquisa nos leva a perceber a influência da formação inicial em suas construções teóricas e/ou interesses sobre a Guerra do Paraguai.

Palavras-chave: Saberes disciplinares; Formação de professores; Guerra do Paraguai.

Abstract: This paper presents the interest in thinking over the disciplinary knowledge of History starting from the Paraguayan War, focusing on the initial and continuing formation of two History teachers in Brazilian Basic Education. The data collection together with the teachers was done using a semi structured interview and the application of a questionnaire. The teachers not only narrated or described their own formation process, but they carried out a reflection process. The surveyed individuals' talk leads us to realize the influence of the initial formation in their theoretical constructs and/or interests about the Paraguayan War.

* A pesquisa contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), lotado no Departamento de História (Campus Caicó). Docente e orientador no Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Pernambuco (PROFHISTÓRIA-UFPE).

Keywords: Disciplinary knowledge; Teachers' formation; Paraguayan War.

Introdução

O presente artigo é um recorte de uma tese de doutorado desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Apresentamos, naquele momento, como problema de pesquisa, de que forma o conteúdo curricular Guerra do Paraguai foi abordado em livros didáticos de História do Brasil e do Paraguai e construído enquanto saber disciplinar a ser ensinado por professores de História de escolas da Educação Básica de ambos os países. Nesse sentido, o nosso objeto de estudo compreendeu o conhecimento escolar Guerra do Paraguai em livros didáticos e nos saberes disciplinares escolarizados por professores de História de escolas da Educação Básica, do Brasil e do Paraguai.

Para o espaço reservado neste artigo, contudo, apresentamos o interesse em dar relevo aos saberes disciplinares da História, sobretudo àqueles relacionados à temática Guerra do Paraguai, com foco exclusivo para a formação inicial e continuada dos professores brasileiros, que se constituíram em sujeitos da investigação². Dito isto, destacamos a seguir os elementos metodológicos relativos à pesquisa para que possamos entender os resultados obtidos a partir do recorte estabelecido.

Campo e sujeitos da pesquisa

O campo de pesquisa se constituiu em uma escola da Educação Básica no Brasil. Por questões éticas, com as quais nos comprometemos a observar ao contactarmos os sujeitos da pesquisa, não denominaremos o nome da escola campo. Informamos apenas que a mesma está vinculada a um centro acadêmico de uma universidade pública, com sede na cidade de Recife, Pernambuco, instituição onde atuam, na condição de professores efetivos, os sujeitos brasileiros³.

Dito isto, explicitamos os critérios escolhidos para seleção das escolas como campo de pesquisa: (1) caráter experimental, (2) escolas de referência, (3) estrutura curricular em que o conteúdo Guerra do Paraguai fosse contemplado e (4) tradição em receber alunos de graduação em situação de estágio

² Em relação aos saberes disciplinares e a formação dos sujeitos paraguaios, ver: SALLES (2020).

³ A investigação em tela contou ainda com outra escola como campo de pesquisa, localizada no Paraguai, em Assunção, que não entra no espaço desse artigo.

curricular obrigatório⁴. Todos os critérios acima estabelecidos nos levam a supor um diálogo maior entre o conhecimento escolar e a disciplina de referência na universidade⁵.

Selecionamos como sujeitos da pesquisa dois (2) professores da Educação Básica no Brasil. Ambos atuam na escola campo de pesquisa selecionada⁶. Relevante enfatizar que as identidades dos professores sujeitos da pesquisa serão, por motivos éticos, preservadas. Tal prática é recorrente em pesquisas científicas envolvendo seres humanos, sobretudo em pesquisas educacionais. Nesse sentido, denominaremos os sujeitos da pesquisa como Professor 1 e Professor 2.

Os critérios de seleção dos sujeitos da pesquisa seguiram as seguintes diretrizes: (1) possuírem a formação no campo disciplinar da História, (2) ensinarem a disciplina curricular História na escola selecionada como campo de pesquisa⁷, (3) estarem lecionando nos anos nos quais o conteúdo curricular Guerra do Paraguai é abordado e (4) ter inserida em sua prática curricular o conteúdo Guerra do Paraguai⁸. Quanto a este último critério, as entrevistas realizadas durante a pesquisa exploratória puderam nos fornecer as informações necessárias. Esse cuidado foi requerido para que tivéssemos a certeza de que o conteúdo curricular Guerra do Paraguai seria, efetivamente, abordado pelo professor em sala de aula. Tínhamos o receio de que, mesmo com o conteúdo curricular em questão fazendo parte do currículo escolar das escolas campo de pesquisa, não tivesse espaço na prática curricular do professor. Os sujeitos da pesquisa podem ser mais bem caracterizados no quadro a seguir:

Quadro 1 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa (professores brasileiros)

PROFESSORES BRASILEIROS	CARACTERIZAÇÃO
PROFESSOR 1	Possui graduação (2004) e mestrado (2008) em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutorado (2013) em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 2014 finalizou o pós-doutorado (História) pela UFPE. Atuou como professor de História na educação básica de 2001 a 2008, retornando à atividade docente para este nível de ensino

⁴ Inserimos no plural por entender que apesar de a escola campo de pesquisa paraguaia não estar no contexto desse artigo, ela foi fundamental para a seleção - em comparação - da escola campo de pesquisa no Brasil.

⁵ Além da suposição de um maior diálogo entre o saber escolar e o saber de referência, levamos em consideração estarmos realizando uma análise comparativa e, nesse sentido, os critérios estabelecidos para a escolha das escolas campo de pesquisa possibilitaram o estabelecimento de uma certa similaridade entre ambos.

⁶ Na pesquisa original foram selecionados ao todo quatro professores como sujeitos da pesquisa - dois brasileiros e dois paraguaios. Contudo, para o espaço aqui reservado, interessa-nos tão somente o contexto de fala dos sujeitos brasileiros.

⁷ Esses dois primeiros critérios foram estabelecidos porque nos interessava não apenas a atuação direta do docente em sala de aula da educação básica, mas também o seu processo de formação inicial e, a partir disso, os diálogos estabelecidos entre os saberes escolares e os saberes de referência, tendo em vista a formação (inicial e continuada) dos professores sujeitos da pesquisa.

⁸ Esses dois últimos critérios foram estabelecidos porque a tese, da qual esse artigo compreende um recorte, teve como objeto o conhecimento escolar Guerra do Paraguai no Brasil e no Paraguai.

	apenas em 2015, na escola campo de pesquisa. Em 2013, atuou como professor no ensino superior. De 2015 a 2016 foi professor substituto da escola campo de pesquisa, se tornando a partir dessa última data, através de concurso público de provas e títulos, professor efetivo.
PROFESSOR 2	Possui graduação (2004), mestrado (2008), doutorado (2014) e pós-doutorado (2015) em História, todos realizados na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Iniciou sua atividade docente na Educação Básica em 2005, tornando-se, em 2016, professor efetivo da escola campo de pesquisa, através de concurso público de provas e títulos. Atuou como professor do ensino superior de 2012 a 2014.

Fonte: (SALLES, 2017)

Ao se observar o quadro acima, o qual expõe o perfil dos professores brasileiros selecionados como sujeitos dessa pesquisa, é possível perceber numerosas similaridades: Ambos possuem uma formação ampla e no mais alto nível na área da História, que vai da graduação ao pós-doutorado. Formaram-se na mesma instituição e no mesmo período em relação à graduação e ao mestrado, não sendo improvável que tenham sido colegas de turma. Além disso, foram aprovados no mesmo concurso de provas e títulos para cargo de professor na escola campo de pesquisa.

Enfim, o perfil dos dois professores sujeitos da pesquisa possui traços característicos que os assemelham nestes quesitos: área da formação inicial, período de finalização dessa formação, ampla formação na área da História, tempo de atuação na docência, possuem experiência na educação básica e no ensino superior e são adultos jovens, com idades que variam entre 30 e 40 anos.

Assim, tendo observado o quadro anterior, que teve o objetivo de caracterizar os dois professores sujeitos da pesquisa, podemos afirmar que o perfil dos mesmos aproxima-se do quadro docente de escolas de referência vinculadas a universidades, contudo, é bastante distinto das características do quadro docente da maioria das escolas da educação básica no Brasil, sobretudo em termos de formação. Contudo, ao estabelecermos os critérios de escolha das escolas campo de pesquisa⁹ – quer dizer, escolas experimentais, de referência e que tivessem tradição em receber estudantes em situação de estágio curricular obrigatório -, já partíamos do pressuposto de que encontraríamos sujeitos com ampla formação na área, pelo menos do que conhecíamos da experiência brasileira.

⁹ Aqui novamente inserimos no plural tendo em vista a escola campo de pesquisa no Paraguai.

Instrumentos de coleta de dados e Tratamento e análise dos dados

A coleta de informações junto aos professores sujeitos da pesquisa se fez por meio de entrevista semiestruturada e de aplicação de questionário¹⁰. Os dados gerados a partir dos mencionados instrumentos foram analisados considerando os objetivos propostos para este trabalho. Importante mencionar que as transcrições das entrevistas aos sujeitos da pesquisa foram realizadas pelo próprio autor.

O tratamento e a análise dos dados foram realizados na perspectiva metodológica da análise de conteúdo e, para isso, nos apoiamos nas orientações de Laurence Bardin (1977). Escolhemos a análise categorial temática por considerá-la a que melhor respondia ao nosso objeto de estudo e aos objetivos propostos, tendo em vista que, inclusive, ao possuir um grande número de informações advindas das entrevistas aos professores sujeitos da pesquisa¹¹, precisávamos de uma técnica de organização e tratamentos dos dados que pudesse contribuir para que conseguíssemos responder ao problema de pesquisa proposto.

Organizamos as informações obtidas a partir de detalhada e repetida leitura das transcrições das entrevistas com os professores sujeitos da pesquisa, com o uso de eixos temáticos que íamos identificando nas falas dos docentes. Durante a leitura flutuante e demais leituras e releituras destacamos e separamos todo o texto da transcrição em cores diferenciadas, de modo que cada temática encontrada/observada/analísada ganhava uma cor específica. Finalizado esse movimento de pré-análise do material, chegamos as seguintes categorias: (1) Saberes disciplinares e formação de professores; (2) Conhecimento escolar Guerra do Paraguai e livro didático de História; (3) Construção de significados e identidades nacionais a partir do conteúdo curricular Guerra do Paraguai.

Destacamos, contudo, que para o espaço deste artigo nos concentraremos na primeira categoria descrita, em que a ênfase será dada na relação entre os saberes disciplinares da História e a formação de professores.

Saberes disciplinares da História e formação de professores no Brasil

Consideramos relevante observar os saberes disciplinares dos sujeitos da pesquisa – no caso, os de natureza histórica e historiográfica – em relação à Guerra do Paraguai, para que possamos melhor entender, doravante, as suas traduções para o saber escolar – no caso, o saber histórico escolar. Entendemos os saberes disciplinares como um conjunto de saberes socialmente construído, selecionado, organizado e legitimado em determinado momento por uma comunidade de especialistas que não atua

¹⁰ Os questionários foram aplicados apenas tendo em vista uma melhor caracterização dos sujeitos, como idade, formação acadêmica, atuação profissional, dentre outras informações.

¹¹ Na pesquisa original foram realizadas entrevistas a quatro professores e foram analisados em torno de 26 livros didáticos de História, sendo 14 brasileiros e 12 paraguaios. Os livros didáticos de história analisados não são objeto de estudo neste artigo.

unicamente com base no rigor científico, mas também a partir de demandas sociais – contextualizadas historicamente - que estão enredadas em teias de poderes/saberes (TARDIF, 2010; BATISTA NETO, 2006). São saberes, portanto, que estão, atualmente, “integrados nas universidades, sob a forma de disciplinas, no interior das faculdades e de cursos distintos”. (TARDIF, 2010, p. 38).

Por se constituir, atualmente, em “saberes sociais definidos e selecionados pela instituição universitária e incorporados na prática docente” (ALMEIDA e BIAJONE, 2007, p. 286), os saberes disciplinares estão presentes, com destaque de tempo, espaço e poder, na formação – inicial e continuada – de professores, mas não se restringem ao espaço formativo. Os saberes disciplinares são mobilizados na prática docente, assim como estão sistematizados em pesquisas que se convertem em leituras especializadas, sejam elas oriundas de trabalhos de dissertações, teses e artigos acadêmicos ou como produto do mercado editorial, materializada em livros, individuais e/ou coletivos, em periódicos de divulgação e, mais recentemente, em sites especializados em História, Educação e ensino.

Reconhecemos que, na prática docente, os professores mobilizam saberes diversos, em contextos também diversos¹². Assim como Tardif (2010), entendemos os saberes docentes como “um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (p. 36). Entretanto, cabe destacar que, para esta seção, apresentamos o interesse em dar relevo aos saberes disciplinares da História, sobretudo àqueles relacionados à temática Guerra do Paraguai, com foco para a formação inicial e continuada dos professores sujeitos da pesquisa. Dito isto, realizamos a seguir as análises em torno das entrevistas realizadas com os professores participantes da pesquisa.

Perguntamos aos dois professores sujeitos da pesquisa sobre as memórias de sua formação inicial, especificamente com o objetivo de saber se a Guerra do Paraguai havia se constituído em uma temática discutida e trabalhada em sala. Ao ser confirmada a presença da temática em foco pelos entrevistados, perguntamos a partir de qual bibliografia e abordagens a temática se fez presente em suas respectivas formações iniciais. O Professor 1 respondeu:

Olhe..., houve, eu lembro, era uma disciplina de História do Brasil Império que chamava, não sei se continua assim, e a gente discutiu a Guerra do Paraguai, **eu lembro do... assim, que houve o debate, não me lembro qual era a abordagem**, mas eu me lembro que a gente leu aquele livro “A Guerra Maldita” [sic], **do Doratioto. “Maldita Guerra”**, é isso, **eu lembro que aquela foi uma leitura de referência para o debate e deve ter sido complementada com outros que eu não me recordo agora**, mas eu

¹² Outro conjunto de saberes presente tanto na formação – inicial e continuada – de professores, quanto na própria prática docente, são os *saberes pedagógicos*. Relevante deixar claro que, ao atribuímos aos *saberes disciplinares* o atributo de “específicos”, não estamos desconsiderando que os *saberes pedagógicos* também o sejam, tendo em vista que esses últimos são saberes produzidos com rigorosidade teórico-metodológica, assim como são portadores de um estatuto epistemológico específico (BATISTA NETO, 2006). Nesse sentido, quando atribuímos a expressão/qualificativo ‘específicos’ aos *saberes disciplinares* não estamos partindo da perspectiva que busca hierarquizar esses dois campos de saberes, mas tão somente estamos buscando destacar que, dentre aqueles, o que nos interessa particularmente são os *saberes disciplinares da História*.

lembro bem quando eu li isso aí... lembrar assim... mas eu lembro do debate e lembro da leitura do “Maldita Guerra”. Eu não sei se houve um seminário, talvez tenha acontecido, para gravar tanto assim na minha cabeça, talvez tenha acontecido um seminário, mas eu realmente não tenho certeza se houve. **Mas houve a abordagem, houve a discussão, e eu acho que foi uma discussão um pouco pensando não só... eu posso até estar confundindo as coisas, mas não só da questão política, das disputas políticas entre Estados, de acordos e de alianças, mas pensando um pouco a questão da população, escravos, indígenas e tal, mas isso assim, muito por cima, não me lembro bem como a gente encaminhou esse debate não.** (PROFESSOR 1. Grifos nossos).

Mesmo o Professor 1 não sabendo, ou não se lembrando inicialmente, qual a abordagem em relação à Guerra do Paraguai na formação inicial, a continuidade da fala do mesmo nos dá importantes indícios¹³, como por exemplo, quando o referido professor aponta, de forma meio imprecisa, que a disciplina não se restringiu a discussões em torno das *disputas políticas entre estados*, mas abarcou também as discussões relacionadas às populações que participaram da guerra, com destaque para a negra e a indígena. A fala do Professor 1 nos aponta, então, que a abordagem adotada em relação a Guerra do Paraguai em sua formação inicial não se restringiu a uma História política e militar, mas foi também seguida por uma história com um viés mais social, trazendo à tona a participação de *populações subalternas*, numa abordagem que pode indicar a perspectiva de uma *História vista de baixo*.

Outro componente importante na fala do Professor 1, é a indicação de que Francisco Doratioto se constituiu em uma *leitura de referência para o debate*. Tal apontamento já nos assinala elementos de uma abordagem historiográfica, mais voltada para uma perspectiva *neorrevisionista*.¹⁴ Em relação a isso, o Professor 2 também nos aponta o acesso ao livro de Doratioto em sua formação inicial:

Estudei, estudei a Guerra do Paraguai na graduação, já numa época em que havia um certo repensar em relação à Guerra do Paraguai. Eu lembro que na época tava saindo um livro, eu não me recordo, era um livro verde, capa verde [...] ‘**A Maldita Guerra**’, exatamente, então tava saindo... foi na época que saiu aquele livro. O acesso ao livro naquele momento era muito difícil. Nós tínhamos apenas uma biblioteca muito mal suprida de textos e livros, mas tinha um colega, como ele era aposentado do

¹³ O Professor 1 realizou o seu processo de formação inicial entre os anos de 2000 e 2004. A entrevista foi realizada em 2015. Nesse sentido, há uma distância temporal de pouco mais de dez anos, daí as imprecisões em algumas pontuações observadas em sua fala. Por coincidência, a formação inicial do Professor 2 também se deu entre os anos de 2000 e 2004. A entrevista com o Professor 2 se deu em 2016.

¹⁴ Em meados da década de 1980, nos centros de produção do conhecimento histórico, começou a emergir uma perspectiva historiográfica sobre a Guerra do Paraguai que ficou conhecida, genericamente, como *neorrevisãoismo*. Essa perspectiva aglutinou diversas pesquisas acadêmicas, com variados enfoques sobre o conflito platino, mas que apresentam algumas características em comum, como: (1) são pesquisas acadêmicas baseadas em farta documentação histórica; (2) questionam a participação e responsabilidade inglesa no conflito; (3) questionam o desenvolvimento econômico do Paraguai; (4) apresentam como razões para a Guerra os conflitos e interesses regionais. Destacamos aqui as obras dos professores Luiz Alberto Moniz Bandeira (1982), Alfredo da Mota Menezes (1982; 1998; 2012), Ricardo Salles (1990), Francisco Doratioto (1991, 2002), André Toral (2001) e Ana Paula Squinelo (2002), apenas para registrar alguns exemplos.

Banco do Brasil, fazia parte de nosso **grupo de pesquisa**, de estudo, então ele teve condições de comprar esse livro e foi um livro que foi muito importante, **então já havia naquele livro e naquela disciplina que nós tivemos, trabalhando a Guerra do Paraguai, um uso de imagens, quer dizer, eu acho que foi muito positivo já naquele momento a minha discussão, o meu contato digamos com a Guerra do Paraguai [...].** (PROFESSOR 2. Grifos nossos).

O Professor 2, ao relatar as memórias de sua formação inicial em relação ao estudo da Guerra do Paraguai, lembrou-se do livro do Doratioto, “Maldita Guerra”. Em sua fala, não conseguimos perceber com clareza se o livro do referido autor foi efetivamente utilizado pelo professor da disciplina em sua formação inicial. Entretanto, o que importa perceber nesse momento é que a “Maldita Guerra” foi um livro importante para o entrevistado na época de sua formação, a ponto dele se lembrar de tais elementos mais de dez anos depois. Ao que tudo indica, o livro do Doratioto foi lido e debatido no grupo de pesquisa do qual participara na graduação.

O Professor 2 já realiza, no relato de suas memórias da graduação em torno do estudo da Guerra do Paraguai, reflexões relativas ao momento em que ela se deu, quer dizer, “já numa época em que havia um certo repensar” concernente ao conflito. Apesar de um repensar sobre a Guerra do Paraguai já estar ocorrendo no Brasil desde, pelo menos, meados da década de 1980, com autores como Luiz Alberto Moniz Bandeira (1982), Alfredo da Mota Menezes (1982), Ricardo Salles (1990) e o próprio Doratioto (1991), dentre outros, e a reflexão ser reforçada na década de 1990, com o *Colóquio Guerra do Paraguai – 130 anos depois*, organizado pelo professor Carlos Guilherme Mota, que culminou em um importante livro, que leva o mesmo nome do colóquio, organizado por Maria Eduarda Castro Magalhães Marques (1995), podemos apontar também os primeiros anos da década de 2000 como um importante período de reflexão em torno do conflito.

As obras de Francisco Doratioto, *Maldita Guerra*, e de Ana Paula Squinelo, *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...Ensino, memória e história de um conflito secular*, ambas publicadas no ano de 2002, tiveram importante repercussão, não só entre os especialistas da área, mas na própria imprensa em geral, o que mobilizou novas discussões em torno do maior conflito armado da América Latina. É justamente este o momento em que o Professor 2 estava fazendo referência, ao apontar que em sua formação inicial, que se deu entre os anos de 2000 a 2004, estava havendo *um certo repensar* sobre a Guerra do Paraguai¹⁵.

O Professor 2 buscou, ao longo de toda entrevista, problematizar a sua formação. Nesse sentido, apontou que:

Uma dificuldade nossa, muitas vezes o nosso olhar para a América Latina, desde o curso de História, é um olhar... isso tem melhorado muito, mas na minha época se começava a repensar nisso, muito problemático né? **Nós olhamos muito para a Europa, nosso**

¹⁵ No momento atual, uma importante coleção que serve para demarcar esse repensar sobre a Guerra do Paraguai, mais de 150 anos após o início do conflito, é a organizada pela professora Ana Paula Squinelo. A coleção reúne especialistas na temática dos quatro países envolvidos no conflito e conta atualmente com três volumes. Ver: Squinelo (2016; 2016b; 2019).

curso de História é um curso muito eurocêntrico. Aliás, a formação do nosso curso de História está muito pautada numa literatura francesa. Isso tem mudado muito, mas ainda é uma dificuldade para se pensar. **Eu, como professor, reconheço, por exemplo, uma certa deficiência da minha formação em relação à América Latina. Nós estudamos muito Europa, Europa, Europa e esquecemos de nossos vizinhos,** então quando nós vamos estudar, por exemplo... e essa é uma dificuldade que eu tenho como professor, reconhecendo aqui minhas dificuldades como histo... como professor, por exemplo, quando nós vamos estudar aqui a colonização espanhola, portuguesa não, mas espanhola, há uma certa dificuldade. Você precisa ter um cuidado maior de pesquisar, de estudar, **porque houve, no meu caso particular, eu tive uma deficiência nisso.** Então é um assunto que está um pouco distante, que nós precisamos aprofundar e aproximar mais isso. Então, a **Guerra do Paraguai foi um desses assuntos que foi importante, eu acho que nós tivemos um olhar cuidadoso naquele momento, mas foi muito rápido, poderia ter sido algo mais aprofundado, de um diálogo maior.** (PROFESSOR 2. Grifos nossos).

O Professor 2 tece críticas à sua formação inicial, apontando a perspectiva eurocêntrica em que estava direcionada, pautada basicamente, segundo ele, por uma *literatura francesa*. Ao tecer tal crítica, o sujeito da pesquisa em tela reflete e problematiza o próprio lugar da América Latina na formação inicial do professor de História e do historiador. Assinala ainda que, o pouco espaço destinado ao estudo da América Latina na formação inicial, criou uma insuficiência, uma lacuna que fez com que o professor, ao preparar aulas de determinados assuntos, como a *colonização espanhola*, por exemplo, tenha que dispender um cuidado e um tempo maior, para que, na própria atuação profissional, possa superar as deficiências geradas na formação inicial.

Ao abordar o tema da Guerra do Paraguai na formação inicial, o Professor 2 ressalta que houve *um olhar cuidadoso*, mas o pouco tempo destinado a discutir a temática impossibilitou o seu aprofundamento. É importante ressaltar que os saberes disciplinares da História “resultam do processo de seleção na cultura (cf. Forquin, 1993) que as instituições de ensino superior (IES) promovem num dado momento para cumprir sua missão formadora” (BATISTA NETO, 2006, p. 2).

Em relação à historiografia utilizada na formação inicial, o Professor 2 aponta que:

[...], **era uma historiografia bem tradicional em relação à Guerra do Paraguai.** Eu poderia depois até te colocar isso, **mas eram livros consagrados, com uma visão, muitas vezes, ainda um pouco, uma visão um pouco heroica da coisa, né,** se apresentava dessa maneira. Mas que eram livros considerados importantes pela quantidade de informações, dados, números, datas, essas coisas, essa História mais positivista, digamos assim, né. **Não eram livros que traziam assim uma visão tão crítica em relação à Guerra do Paraguai** e isso foi feito, como eu te falei, nós fizemos trabalho, eu lembro que **nós apresentamos trabalho, utilizamos outros livros, então isso veio ao longo de uma busca nossa,** de nossos trabalhos. Mas a literatura da época disponível era uma literatura muito precária, pelo menos naquele momento. Autores, eu tenho dificuldade agora de me recordar esses autores. (PROFESSOR 2. Grifos nossos).

E continua:

Era uma historiografia mais tradicional, mas ao longo da disciplina, ao longo da discussão, nós avançamos e isso eu acho que foi positivo, houve um avanço para se repensar um pouco a Guerra do Paraguai fora daqueles parâmetros que nós estávamos acostumados como aluno de ensino médio e fundamental na década de [19]80 e [19]90. Você tinha uma dimensão muito de heroísmo, né. Caxias e aquela coisa toda, quer dizer, e nós... e nessa disciplina nós fomos verificar e ver o lado do Paraguai, o que tinha acontecido no Paraguai de fato, e isso aí é uma outra visão. (PROFESSOR 2. Grifos nossos).

Apesar de o professor 2 indicar que, em trabalhos apresentados em sua formação inicial avançou na leitura referente à Guerra do Paraguai, aponta que a bibliografia utilizada na disciplina possuía, basicamente, um viés mais tradicional, positivista, com destaque a datas e eventos, com uma perspectiva muitas vezes heroica¹⁶. O professor 1 e o professor 2 cursaram História na Universidade Federal de Pernambuco entre os anos 2000 a 2004 e talvez tenham sido colegas de turma, o que não quer dizer, necessariamente, que tenham cursado a disciplina que aborda a Guerra do Paraguai juntos ou com o mesmo professor, daí haver algumas aproximações e distanciamentos em relação a reflexão que ambos fazem de sua formação inicial em relação especificamente à temática Guerra do Paraguai.

O Professor 2, ao ser questionado sobre a perspectiva teórica adotada em relação à Guerra do Paraguai, afirma o seguinte:

[...] eu tenho uma visão muito crítica da Guerra do Paraguai, então, claro que essas obras, autores, que demonstram, que têm uma capacidade de **demonstrar todo o processo de violência que houve, [o] que existiu de massacre daquela população, você tem um massacre, um genocídio imenso, que mostra de fato as ligações políticas, o que estava acontecendo, as tramas.** Então, **saindo dessa história mais heroica, toda essa literatura é uma literatura que me atrai.** (PROFESSOR 2. Grifos nossos).

Apesar de não estar claro na fala do Professor 2, tendo em vista que o mesmo não cita autores, nem denomina correntes historiográficas, há indícios, ao usar expressões como ‘genocídio’, ‘ligações políticas’, ‘tramas’, que o referido professor esteja, em maior ou menor grau, fazendo referência a ideias/teses desenvolvidas por autores revisionistas, como Pomer (1980) e Chiavenato (1983), que

¹⁶ A historiografia tradicional sobre a Guerra do Paraguai privilegiava, em seus enfoques, estratégias de guerra e enaltecimento de seus comandantes militares, a exemplo do Duque de Caxias e do Conde D’Eu. Esse primeiro momento historiográfico se configurou mais como uma narrativa de cunho memorialístico-patriótica do que por uma análise histórica propriamente dita. Nessas narrativas prevaleceram, geralmente, uma interpretação que apontava para o governo paraguaio – personificada na figura de Francisco Solano López – como o causador do conflito. Essa historiografia tornou-se hegemônica no Brasil do final do século XIX até, pelo menos, a década de 1960.

trabalham sobretudo realçando as categorias destacadas¹⁷. Não obstante assinalar que busca fugir de uma história heroica em relação à Guerra, esse professor aponta que não descarta a historiografia tradicional, por esta trazer diversas informações relativas a eventos e datas. Assim:

[...] muitas vezes, por exemplo, certos livros tradicionais da Guerra do Paraguai eles nos ajudam em muitas coisas. Você tem informações, datas, você tem aqueles fatos bem positivistas, quer dizer, aquilo de certa maneira te ajuda, porque faz com que você tenha uma visão didática do que é a Guerra do Paraguai. Essa é a primeira coisa, eu acho que todo historiador precisa ter essa visão didática, mesmo que ela seja grosseira, certo, sobre um determinado assunto. [...] agora, depois você tem, é importantíssimo, você tem acesso a outras perspectivas [...]. (PROFESSOR 2).

E continua seu raciocínio, ao enfatizar sua formação:

[...] claro que a minha formação, enquanto historiador e mais enquanto o meu mestrado e o meu doutorado, é de uma linha mais voltada para a História cultural, não tenha dúvida disso, mas eu não abro mão de certos livros chaves, são considerados assim tradicionais, são considerados de uma História muito linear, cronológica. Eu acho que eles são importantes. Agora, faço essa leitura com um olhar crítico em relação a isso”. (PROFESSOR 2).

Em contraposição, o Professor 1 afirma, ao destacar seus interesses pela temática Guerra do Paraguai:

[...] o que me interessa mais é essa discussão... são duas discussões, uma da população, ou seja, da população envolvida ou que sofreu com os efeitos da guerra, essa é uma questão, tanto a população que sofreu os efeitos diretos da violência, quanto aquela população que vislumbra alguma conquista em participar da Guerra do Paraguai, ou seja: como é que essas pessoas se mobilizaram e as estratégias que elas mobilizaram para a guerra? Esse é um ponto. (PROFESSOR 1).

E continua:

Um outro ponto que me chama a atenção na Guerra do Paraguai, que tem uma discussão também historiográfica, é como a guerra vai consolidando um posicionamento de uma dinâmica política dentro do império, que é uma discussão talvez um pouco mais antiga,

¹⁷ A vertente historiográfica revisionista aponta para o imperialismo, sobretudo aquele realizado pela Grã-Bretanha, como o principal motor da guerra. Há, nas análises desta historiografia, a relevância das causas econômicas, oriundas do capitalismo internacional. Contudo, apesar da indicação da causa econômica, em que o imperialismo britânico apresentou um papel fundante, os autores não impõem exclusivamente às elites econômicas desse país a causa da guerra, pois reconhecem a atuação das elites locais como agentes que favoreceram a penetração e a exploração da potência britânica na região. A interpretação de Pomer, sobretudo, não aponta diretamente para o governo britânico pelo desencadear da guerra, mas sim para as contradições do capitalismo.

mas que eu acho que ainda tem algumas reverberações atuais, como a ideia da Guerra, que é muito presente para o século XX, **a Guerra enquanto um instrumento político**, ele é muito presente no século XX, não que antes não fosse, mas século XX você vai ter os estados nacionais, os estados modernos muito bem consolidados, então a Guerra vai se tornando um elemento chave dentro dessa política de estado, como para o Brasil, não só para o Brasil, mas dentro desse contexto da América do Sul, a Guerra do Paraguai é um marco interessante para... um marco importante para dinâmica política, de formação de um corpo político novo de militares, ou de fortalecimento desse corpo político e de crise dentro de um estado que se formava, ou que se tinha formado há pouco tempo. Então, assim, eu acho que têm duas discussões que me interessam, ou que me chamam a atenção dentro da historiografia, um pouco essa dos atores e um pouco essa da questão da guerra e da relação da guerra e estado, ou da guerra enquanto um elemento político do estado. Acho que seria isso. (PROFESSOR 1. Grifos nossos).

O professor em evidência assinala como interesse a questão das populações que participaram da guerra, indicando, como mencionado anteriormente, uma perspectiva mais voltada a uma História Social. Mas também, não deixa de apontar interesse em questões mais tradicionais da historiografia brasileira em relação às discussões sobre a Guerra do Paraguai, como as relacionadas à consolidação do estado nacional e à emergência de *novos atores* políticos no cenário brasileiro do pós-guerra, portanto, que dizem respeito a uma abordagem voltada a uma História Política. Tendo em vista o lugar da Guerra do Paraguai em suas leituras e discussões, o Professor 1 responde:

Olhe é, no doutorado, eu tinha um grupo de amigos que trabalhava com o Império, um grupo de colegas e amigos do doutorado, e eu sempre tinha acesso a leituras e debates sobre o século XIX e sobre a Guerra do Paraguai. **Isso era algo presente, mas não sistematizado, ou seja, não é uma coisa assim que eu parei e fui ler sobre**, mas eu me lembro de artigos, que eu não vou lembrar qual é o título, nem quem é a referência, foi em 2009, 2010, mas que circulavam, que a gente lia, porque lia muitos trabalhos dos colegas e as referências a eles, que eles utilizavam, e aí eu me lembro de ler esse debate, sobretudo, um debate da questão da escravidão, dos escravos e da Guerra, para pensar o Império do Brasil e tal, e essa questão militar pós-guerra do Paraguai, então tinha muito esse debate, e eu lia referências e tal, **mas não como eu falei para você, não um estudo sistematizado, da minha parte, sobre esse debate, mas eu estava em contato com o debate, de todo modo**. Depois que eu terminei... que passou os créditos e tal, mais um ano que eu passei pelo Rio [de Janeiro], que eu voltei para fazer minha pesquisa e sistematizar a tese, aí realmente não tive mais contato com esse debate. (PROFESSOR 1. Grifos nossos).

O Professor 1 aponta que a Guerra do Paraguai se fez presente em suas leituras, mesmo após a sua formação inicial, mas não como um *estudo sistematizado*. Ao ser perguntado sobre quais as correntes de pensamento em relação à Guerra do Paraguai mais se aproximavam com seu pensamento/concepção, o Professor 1 responde:

Não sei, não parei para pensar numa reflexão assim mais teórica, há uma..., como eu falei para você agora, que eu me identifico, por uma questão de interesse, desta abordagem temática, talvez essa abordagem temática diga, nos fale de uma questão teórica, mas eu não parei para pensar nesta perspectiva, talvez você possa pensar um pouco nesses interesses temáticos como uma relação mais teórica de abordagem, mas realmente eu não sei, André, não sei te responder assim mais detalhadamente. (PROFESSOR 1).

Talvez a própria característica do contato do Professor 1 com a temática Guerra do Paraguai, quer dizer, uma *leitura não sistematizada*, tenha impossibilitado o mesmo de apontar, com segurança, aproximações e/ou afastamentos com perspectivas teóricas e historiográficas relativas à Guerra do Paraguai. Contudo, os interesses temáticos apontados pelo professor 1 – população comum, estados nacionais, emergência de novos atores políticos no pós-guerra – nos dão indícios importantes de uma aproximação com os estudos neorrevisionistas.

Foi perguntado aos sujeitos da pesquisa acerca da forma de denominação do evento em tela, se eles já haviam realizado alguma reflexão e/ou problematização a respeito. Em relação a isso, o Professor 1 afirmou: “Não, não fiz essa problematização ainda, não fiz, utilizo Guerra do Paraguai sem problematizar o conceito, ou problematizar os outros conceitos, qual seria o melhor”. O professor 2, em contrapartida, tece as seguintes reflexões:

O termo Guerra do Paraguai para nós talvez seja muito cômodo, né, para nós brasileiros, seja muito cômodo né, você atribui ao outro, vamos dizer a Guerra do Paraguai você está atribuindo, eu acho que o próprio nome indica num primeiro momento, você atribui o outro, ao outro, né, as causas. E se invertesse? Quer dizer, a Guerra do Brasil, a invasão do Brasil, então veja que o próprio termo, muitas vezes, a nomeação das coisas elas são pensadas e não são por acaso. (PROFESSOR 2).

E continua:

[...] então quando você coloca ‘Guerra do Paraguai’ parece que o vilão da História é e sempre foi o Paraguai, então é... quer dizer, e é um termo que vem de longas datas, que justifica, que reforça muitas vezes essa nossa visão muito harmoniosa ou de criar um consenso do que foi a Guerra do Paraguai. E nós sabemos que, em uma guerra, há interesses de ambos os lados, os conflitos existem e não dá para atribuir apenas a guerra a um lado, não há uma... não é algo unilateral. O termo, portanto, no meu entendimento, ele é muito cômodo para quem não quer se comprometer pós-guerra com aquele evento, é uma forma de afastar um pouco, né. (PROFESSOR 2).

No que diz respeito à formação continuada, os dois sujeitos da pesquisa assinalaram que não tiveram nenhuma experiência que pudesse estar diretamente relacionada ao conteúdo curricular sobre a Guerra do

Paraguai. O Professor 1 afirma ter tido a experiência tanto como ouvinte/participante da formação continuada quanto como professor formador. Assim afirma:

Já participei de formação continuada há muitos anos atrás, que era uma formação lá pra 2003, 2004, não sei! Era uma formação continuada oferecida pela editora do livro que era escolhido pela escola. A escola escolhia o livro dela e ela [editora] oferecia formação continuada. E já fui formador da prefeitura, fui professor de formação continuada pela prefeitura em dois mil e..., não sei se 2007 ou 2008, mas tive essa experiência de ser aluno e professor da formação continuada. (PROFESSOR 1).

O Professor 2 assinala que também teve experiências com a formação continuada, contudo, ao contrário do Professor 1, apenas na condição de ouvinte/participante. O Professor 2 formula fortes críticas ao modelo de formação continuada oferecida pelo Estado [de Pernambuco] e afirma:

[...] veja, eu fui do Estado, fui professor do Estado, e confesso a você que sempre fui um crítico de certas... eu fui para algumas formações continuadas, mas considero para você que desenvolvi uma certa visão crítica em relação a essas... não acho que elas são, do meu ponto... naquela época participei em 2008, 2009, de algumas formações continuadas e considero para você que elas não me foram muito satisfatórias, ou tivesse realmente uma função [...]. Então, eu, nas poucas capacitações continuadas, formações que eu fui, eu tive alguma dificuldade, pela, digamos, a pouca profissionalização da coisa, e pela pouca capacidade, digamos assim, de quem estava ministrando certas palestras [...]. (PROFESSOR 2).

Tendo em vista a crítica acima, o Professor 2 não se furta de apontar uma proposta de formação continuada, ou ao menos para aquilo que ele entende que seria mais proveitoso enquanto formação continuada para os professores da educação básica. Assim:

[...] eu sinceramente, eu prefiro que, eu defendo que o estado, eu defendo que a prefeitura, eu defendo que o governo, seja a nível federal ou seja lá o que for, dê condições para que os professores se qualifiquem, fazendo suas especializações, fazendo seus mestrados, fazendo seus doutorados. [...] Então eu prefiro acreditar que uma boa qualificação é dar ao professor a capacidade de ele estar se renovando sempre. Eu acho que ele se renova sempre quando, por exemplo, a cada cinco ou seis anos, permite a esse professor parar seis meses para fazer um curso, estudar. Eu acho que isso é capacitação, porque conhecimento é movimento, então se você pegar a História, a História está sempre se renovando, novas pesquisas, novos... você pega um professor de dez anos atrás, se ele não se renova, ele está passando uma aula, ele está tentando lecionar uma visão de dez anos atrás. E aí a gente sabe que em dez anos o conhecimento histórico ele modifica, e é preciso acompanhar isso, e isso requer tempo, requer estudo, requer dedicação, requer livros, requer um investimento. (PROFESSOR 2).

O Professor 2, ao ser perguntado se a temática Guerra do Paraguai havia aparecido em alguma das atividades de formação continuada das quais participou, respondeu enfaticamente: “De forma alguma, de forma alguma! de jeito nenhum!” (PROFESSOR 2). O Professor 1, em relação a mesma pergunta, faz as seguintes observações:

Não, não! na Prefeitura, a formação continuada versava sobre História do Recife, Pernambuco e, quando eu fui para formação continuada, quando eu fui assistir, eu não lembro qual era, mas acho que era alguma coisa sobre ensino, mas eu não me lembro bem, estaria chutando se eu falasse, **mas Guerra do Paraguai não!** (PROFESSOR 1. Grifo nosso).

Nesse sentido, apesar de a Guerra do Paraguai estar presente na formação inicial dos professores sujeitos da pesquisa, e mesmo em leituras posteriores não sistematizadas, está ausente da formação continuada. Contudo, a assinalada ausência não é o indicativo da falta de importância da temática para a área disciplinar da História. Inclusive, porque, pela fala dos professores pesquisados, percebemos que o foco das formações continuadas esteve mais atrelado aos *saberes pedagógicos* e, quando abordados os saberes disciplinares, houve uma valorização da História local, como ficou evidenciado na fala do sujeito 1. Destacamos, contudo, que se a pesquisa fosse realizada em áreas de fronteira, como no Mato Grosso do Sul, por exemplo, é muito provável que a temática estudada pudesse se fazer presente na formação continuada de professores, tendo em vista que as fronteiras entre os territórios brasileiro e paraguaio guardam fortes memórias em relação a este evento histórico.

Considerações finais

Como pôde ser percebido ao longo deste artigo, os sujeitos da pesquisa não se limitaram a narrar ou descrever seus respectivos processos formativos, mas refletiram sobre os mesmos e assinalaram relevantes críticas/ponderações/problematizações. O professor 2, por exemplo, apontou a ênfase dada, em sua formação, para uma perspectiva eurocêntrica, pautada basicamente em uma literatura francesa, que, de certa maneira, poderia trazer dificuldades aos professores da educação básica para se refletir sobre a América Latina em sua prática docente.

Como dito anteriormente, acreditamos que os saberes disciplinares são mobilizados na e para a prática docente, mas também estão sistematizados em pesquisas acadêmicas e em materiais de divulgação. Assim, entendemos a fala do professor 2, quando assinala que apesar de sua formação inicial ter se dado basicamente com uma bibliografia mais tradicional em relação à Guerra do Paraguai, busca pautar sua prática em outras possibilidades de leitura. Em outras palavras, a formação inicial é extremamente importante para a definição de futuras práticas dos professores, mas não é a única determinante nesse processo.

Em contrapartida, a fala dos sujeitos da pesquisa nos levar a perceber a influência da formação inicial em suas construções teóricas e/ou interesses sobre a Guerra do Paraguai. Por entendermos o currículo vivenciado em sala de aula como uma “construção social negociada” – como o definiu Goodson (2012), partimos do pressuposto de que as escolhas e/ou omissões realizadas pelos docentes estão relacionadas – em boa medida – à influência que o processo de formação inicial – relacionada às instituições responsáveis pela legitimação do saber disciplinar – exerceu sobre eles. Nesse sentido, à luz das narrativas dos sujeitos, enquanto que os interesses e o enfoque do Professor 1 giram em torno de uma História temática, com ênfase em uma História Social, buscando trazer à tona sujeitos mais comuns, pouco valorizados pela História oficial, o Professor 2 é guiado mais por uma História política, com fortes elementos e categorias evidenciados, sobretudo, a partir de uma perspectiva historiográfica revisionista.

Referências:

- ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de; BIAJONE, Jefferson. Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.33, n.2, p. 281-295, 2007. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022007000200007>.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O papel do Brasil na Bacia do Prata** (da Colonização ao Império). Tese (Doutorado em Ciência Política), Universidade de São Paulo, 1982.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATISTA NETO, J. Saberes pedagógicos e saberes disciplinares específicos: os desafios para o ensino da História. In: **13º Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, 2006, Recife. Educação Formal e Não formal, processos formativos, saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social. Recife: ENDIPE, 2006.
- CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai**. 18ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DORATIOTO, Francisco. **A Guerra do Paraguai: 2ª visão**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Trad. Guacira Lopes Louro, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

- GOODSON, Yvor. **Currículo: Teoria e História**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (org.). **A Guerra do Paraguai: 130 depois**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- MENEZES, Alfredo da Mota. **Guerra do Paraguai**. Como construímos o conflito. São Paulo: Contexto; Cuiabá, MT: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso, 1998.
- MENEZES, Alfredo da Mota. **A Guerra é nossa: a Inglaterra não provocou a Guerra do Paraguai**. São Paulo: Contexto, 2012.
- MENEZES, Alfredo da Mota. **Solano Lopez, o Partido Blanco e a Guerra do Paraguai: Análise da Influência Diplomática Oriental Sobre o Paraguai, 1862-1864**. Dissertação (Mestrado em História da América Latina), Tulane University, Estados Unidos, 1982.
- POMER, León. **A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rio-platense**. Tradução Yara Peres. São Paulo: Global, 1980.
- SALLES, André Mendes. 2017. **O conhecimento escolar Guerra do Paraguai em livros didáticos e na fala de professores de História de escolas da educação básica, no Brasil e no Paraguai**. Recife, PE. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, 359 p.
- SALLES, André Mendes. Saberes disciplinares da História e formação de professores no Paraguai: a Guerra da Tríplice Aliança em foco. **Clio: Revista de pesquisa histórica (UFPE)**, Recife, v. 38, n. 1, 2020.
- SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SQUINELO, Ana Paula. **A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...ensino, memória e história de um conflito secular**. Campo Grande: UCDB, 2002.
- SQUINELO, Ana Paula. **150 anos após - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. 1. ed. Campo Grande - MS: Ed. UFMS, 2016. v. 1.
- SQUINELO, Ana Paula. **150 anos após - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. 1. ed. Campo Grande - MS: Ed. UFMS, 2016. v. 2.
- SQUINELO, Ana Paula; TELESCA, Ignácio. **150 anos após - A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. 1. ed. Campo Grande: Life, 2019. V. 3.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação de professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TORAL, André. **Imagens em desordem**: a iconografia da guerra do Paraguai (1864-1870). 1a. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH USP, 2001.

Recebido em: 10/01/2020
Aceito em: 29/05/2020